

RESENHA

COMUNICAÇÃO UBÍQUA

Isabel Jungk

SANTAELLA, Lucia, *Comunicação Ubíqua - Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Editora Paulus, 2013, 1ª. Edição.

Com o subtítulo *Repercussões na cultura e na educação*, o livro *Comunicação ubíqua* de Lucia Santaella trata de importantes questões relacionadas às formas de interrelação entre as tecnologias informacionais e comunicacionais e as mais variadas dimensões sociais e subjetivas do humano.

Parte-se da revolução em curso desde o advento da chamada *internet das coisas*, uma extensão da internet no mundo físico, na qual objetos sencientes passam cada vez mais a interagir com as pessoas e entre si, gerando um universo informacional cada vez mais complexo e multifacetado, passível de ser explorado tanto para fins comunicacionais quanto cognitivos. As tendências da *web* apontam, dessa forma, para comunidades descentralizadas, mercados inteligentes, mente corporativa e grupal, redes de conhecimento e relacionamentos, serviços inteligentes e inteligência aumentada, entre outras possibilidades que vão se atualizando

à medida que os avanços tecnológicos se concretizam em interfaces que unem máquinas, corpos e cidades numa simbiose crescente e expansora da *Umwelt* humana.

Nesse novo cenário informacional, questões como privacidade e as fronteiras entre o público e o privado ganham contornos ambivalentes e suas vantagens e desvantagens passam a ser o foco das discussões sobre armazenamento e monitoramento dos dados que circulam nas redes. Também as subjetividades passam a ser influenciadas pelas questões relativas à cibercultura e às identidades múltiplas e coletivas que o usuário ou cibernauta é capaz de desenvolver no ciberespaço, deitando por terra a idéia ilusória do ego unificado, unicamente racional e estável, como já havia sido feito pela psicanálise.

A ubiqüidade da vida online também coloca novas questões para a noção de tempo, que pode ser compreendido como externo, interno e até mesmo social. Da mesma forma, os conceitos de espaço e lugar no contexto das mídias digitais e da mobilidade atual passam a ser reformulados para além da tradicional tridimensionalidade do espaço e do modo como os lugares são social e culturalmente utilizados. Estes passam a constituir-se sob a influência de múltiplos fatores informacionais e comunicacionais levando a novos padrões de compreensão, associações e expectativas do espaço cotidiano.

Permeado de hipersintaxes verbais, visuais e sonoras, o ciberespaço passa a abrigar novos paradigmas da imagem tanto na fotografia como no cinema expandidos, e nas diversas hibridizações da videoarte e artes digitais. Também a literatura e os games encontram-se incrementados pelas novas potencialidades da hiper e da transmídia.

Diante da magnitude das transformações provocada pela pervasividade das tecnologias da inteligência, suas conseqüências ontológicas, políticas e educacionais merecem destaque nesta reflexão. Politicamente as redes possibilitam uma cultura participativa onde ações no ciberespaço se concretizam como intervenções sociais. Educacionalmente, os processos de ensino e aprendizagem não estão mais restritos ao eu de cada indivíduo, já que a qualquer hora e lugar corpos e mentes têm acesso a redes informacionais através dos mais variados dispositivos móveis. Por tais razões, os desafios para a educação face ao potencial das novas tecnologias são gigantescos e implicam a necessidade de repensar os princípios e certezas que nortearam a pedagogia até então.

Na vastidão das mudanças em curso, uma nova ontologia e epistemologia voltada para a construção de pontes entre objetos e humanos começa a ser pensada. Para além da virada lingüística, uma virada especulativa está em andamento a partir do pensamento filosófico de diversos autores

que se reúnem sob o nome de *realismo especulativo*. Apesar das diferenças entre os diversos autores, em linhas gerais, postula-se uma visão ontológica de um reino assubjetivo do devir, pondo fim às dualidades entre sujeito e objeto num mundo onde tudo existe em igualdade de condições, de modo que nosso interesse volta-se para as coisas em todas suas escalas, ponderando-se sobre sua natureza, suas relações entre si e com o humano de forma unificada. A contemporaneidade desse debate, fundamentado em bases inéditas, está na busca dos meios para compreender os seres emergentes, dotados de inteligências e sensorialidade aos quais anteriormente chamávamos simplesmente de objetos e que, hoje, transmutados pelas novas tecnologias, nos desafiam a abandonar a velha dicotomia epistemológica entre sujeito e objeto para explorar as transmutações do humano face à sua mescla com esses novos seres sencientes que estão emergindo.

Todas estas questões são abordadas neste livro atualíssimo, com a profundidade e a acuidade que caracterizam as obras de Lucia Santaella.